



A reconquista da esperança

Em apenas algumas semanas mudou significativamente o quadro econômico mundial. Os Estados Unidos reviram a sua política econômica e a perspectiva do seu menor déficit fiscal no próximo ano não apenas acelerou uma queda nas taxas de juros como provocou, em consequência, uma reativação no mercado de commodities e melhores cotações. Até o ouro, cujo preço descia a ladeira há meses, teve o seu mercado novamente aquecido, com aumentos diáários de até 20% na sua cotação.

Somado à estabilização dos preços do petróleo, tudo isso devolveu à equipe do Governo e a muitos empresários e membros da comunidade acadêmica a esperança de que as coisas para o Brasil caminham agora muito melhor do que em fins do primeiro semestre. Há até quem já se mostre eufórico, embora haja a certeza de que os indicadores colhidos no exterior ainda não configuram uma tendência firme de melhora da economia mundial.

De qualquer forma, desfruta-se o fato de que, só com os três pontos percentuais de queda apresentados pelas taxas de juros externos nas últimas semanas, o Brasil economizou mais de 1 bilhão 500 milhões de dólares no serviço da sua dívida. Além disso, depois de experimentar perda considerável no montante das suas exportações no primeiro semestre, o país sabe que, caso continuem nos níveis de hoje, os juros agora praticados também enfraquecem o dólar, permitindo que os produtos nacionais passem a ter maiores chances de competição nos mercados europeu e japonês.

Tudo isso, porém, não terá significativos efeitos imediatos no âmbito interno. As empresas, a não ser por uma sonhada baixa nas taxas de juros, continuarão por mais algum tempo enfrentando as agruras de um mercado interno contido e de um mercado externo protegido. Resta-lhes a certeza de que, mesmo sem se ter ainda configurado como tendência, essa nova realidade internacional induz o Governo a esperar um pouco mais antes de partir para uma nova recessão, que muitos julgam indispensável para um reajuste da economia nacional.

Este suplemento especial do JORNAL DO BRASIL é composto de dois cadernos. O primeiro, com 16 páginas, apresenta o que pensam empresários, técnicos e membros do Governo sobre a situação atual e as perspectivas da economia brasileira. O segundo, com 20, mostra o que vem acontecendo em alguns segmentos da economia e como várias empresas de todos os portes estão se adequando à realidade atual e ao que esperam encontrar pela frente. Este suplemento foi editado por Frank Ribeiro com a colaboração de Luis Fraga (texto) e Waldyr Figueiredo (diagramação).